Disponível em http://www.letras.ufmg.br/poslit



# CRÍTICA LITERÁRIA E JORNAL NA PÓS-MODERNIDADE

*Silviano Santiago*
*UFF*

A principal intenção deste trabalho é a de apresentar algumas idéias de caráter atual sobre as relações entre produtor/produção literária e o espaço da circulação das idéias circunscrito pela imprensa escrita não-especializada. Vale dizer que é nosso interesse ver como tanto o escritor literário quanto o professor universitário podem vir a participar de maneira sistemática — em benefício da literatura, da universidade, da imprensa e até em benefício próprio — dos grandes jornais e revistas de circulação nacional e internacional. O bom relacionamento entre as partes já existe nos países hegemônicos. Na América Latina se faz urgente a discussão dos problemas que envolvem essa reaproximação na medida em que o escritor se profissionaliza enquanto tal e o professor universitário começa a ter questionada a torre de marfim do campus. No Brasil alguns jornais (*A Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo*,

Disponível em http://www.letras.ufmg.br/poslit



etc.) e revistas (*Veja*, *Isto é*) respondem de maneira sensível e intermitente ao problema.

Um primeiro estudo sobre essas relações pode abrir caminho para uma discussão atual sobre pelo menos dois pontos: o beco-sem-saída em que se encontram tanto o gênero ensaio quanto a crítica literária participante. Aquele fenece por excesso de pedantismo e de notas de pé-de-página; esta deixa de ser um exercício criterioso da razão individual. Esses dois pontos, por sua vez, podem se desdobrar nas três questões que estão por detrás deste texto. Primeira. No momento em que os meios de comunicação de massa, sob o comando da televisão, se tornam hegemonicamente eletrônicos, quais são as possibilidades históricas da encenação deste anacrônico pacto entre produtores de escrita fonética? ou seja, como a colaboração de escritores e professores em jornais e revistas de grande circulação pode servir à causa do livro e da imprensa escrita, enriquecendo o debate das idéias? Segunda. Como se poderá concretizar, no espaço da grande imprensa nacional e internacional, uma crítica literária sob a responsabilidade de acadêmicos, levando estes a exercerem uma desejável liderança intelectual em termos comunitários ja que estabeleceriam um diálogo enriquecedor entre especialistas (professores) e não-especialistas (público)? Terceira. A possível e inevitável perda de rigor teórico-científico na escrita jornalística, tanto a ensaística quanto a avaliadora de obras contemporâneas, teria um custo intelectual que poderia ser recuperado em favor dos valores maiores da tradição literária ocidental?

As duas primeiras questões são mais abrangentes. A primeira falaria do lugar e da situação da literatura e da imprensa escrita na época em que se convencionou chamar de pós-moderna. A segunda retoma a discussão levantada no final dos anos 2O pelo livro *La trahison des clercs*, de Julien Benda, discussão agora transposta para o papel desses novos intelectuais-em-ação que podem ser os produtores de escrita fonética na sociedade de massa. A terceira é menos abrangente e se aproxima das circunstâncias deste Congresso e diz respeito à necessidade urgente de uma avaliação criteriosa da produção ficcional e poética contemporânea, entregando a tarefa sistemática e cotidiana da crítica a especialistas com sólida formação disciplinar. Mesmo com o risco de perda em parte da qualidade, os universitários pulariam o muro da academia. As três questões, no seu conjunto, podem servir a duas causas maiores, que são a do aprimoramento democrático das instituições do saber e dos meios de comunicação de massa e a da formação do cidadão na América Latina que se faz pós-moderna.

Parece-nos empobrecedor restringir o campo da reflexão sobre as relações entre literatura e imprensa escrita aos contornos da atualidade. Por isso partiremos de uma hipótese teórica que, no seu arco histórico, pretende abranger um movimento que vem tomando forma nítida desde o aparecimento do jornal. A hipótese pode ser inicialmente formulada da seguinte maneira: a história da imprensa escrita na sociedade ocidental é a história da sua desliteraturização. Ou seja, isso a que se chama tradicionalmente de literatura vem perdendo no correr dos séculos e de maneira sistemática o seu lugar, poder e prestígio na imprensa diária (jornal matutino e vespertino) e na semanal (revistas).

Para se ter um exemplo concreto da hipótese basta que se lembre do papel que o folhetim literário desempenhou no jornal do século XIX e se constate o espaço que ele não ocupa mais hoje.

A partir desse exemplo radical, pode-se, num segundo estágio, generalizar a hipótese anterior e tentar apresentá-la sob a seguinte forma: a história dos meios de comunicação de massa é a história da sua desliteraturização.

Para comprovar a hipótese mais abrangente, veja-se como o folhetim literário migrou para o cinema e a revista em quadrinhos e de maneira espetacular para o rádio, constituindo nos anos 4O o gênero ficcional popular por excelência que foi a novela radiofônica. É por demais conhecido o sucesso internacional da novela cubana *O direito de nascer*. Nos anos 6O, diante do fenômeno anglo-saxão do rock e da presença diuturna da televisão

Disponível em http://www.letras.ufmg.br/poslit



nos lares, o rádio ao mesmo tempo se juveniliza e se desnoveliza, passando a ser totalmente dominado pela música. Hoje a proliferação de rádios FM atestam o poder mercadológico e o prestígio da música. Nos anos 60, retomando o fio da meada, há um novo processo de migração do folhetim literário, agora para a televisão, constituindo o fenômeno extraordinário da sua telenovelização, a tal ponto que todo o horário nobre das transmissoras, com exceção do curto período do telejornal, é ocupado por sucessivas telenovelas. A liderança jornalística internacional assumida pela CNN durante a guerra do Golfo aponta novos caminhos para a destelenovelização da *media* eletrônica. O aumento intolerável da violência urbana e a conseqüente diminuição na freqüência aos campos de esporte podem apontar para uma outra futura e rentável linha da *media* eletrônica — o vídeo. Sem dúvida a narrativa dessas migrações do folhetim literário, com as suas conseqüências, constituiria capítulo fascinante da história social contemporânea.

Voltando à hipótese menos abrangente e necessariamente mais próxima da nossa atividade, seria importante levantar os vários fatores que foram responsáveis pela desliteraturização da grande imprensa em fins do século XIX e princípios deste. Na falta de estudos precisos sobre a questão e por motivo de tempo, tentaremos falar apenas de alguns.

1. Cosmopolitismo e literatura foram ferrenhos inimigos no espaço da imprensa escrita. Se a literatura funciona como entretenimento, o cosmopolitismo alicerça o sentido do conhecimento educacional. Se aquela reclama o gosto estético na apreciação, este ativa a curiosidade pela História mundial. Se aquela conduz à contemplação, este exalta a ação. Por mais que o escritor tenha querido se tornar um viajante, e muitos o foram, a literatura no espaço da imprensa escrita entrou na contramão do imperialismo e do cosmopolitismo. Com a modernização das regiões não-européias e a colonização das não-ocidentais pelas nações economicamente hegemônicas do mundo, as notícias internacionais comeram espaço nos jornais e revistas, adquirindo para a curiosidade burguesa importância idêntica às notícias municipais, regionais ou nacionais. O cosmopolitismo modernizante e trepidante transforma o jornal no meio de comunicação por excelência, redefinindo diariamente para o seu leitor o que seja a "realidade". As grandes questões abordadas pela literatura no jornal tornam-se sonhos e quimeras, quando não água com açúcar, diante do impacto de sucessivos e inesperados acontecimentos que precipitam jogos de interesse econômico e conflitos bélicos entre nações.

2. Havendo necessidade econômica e política de vencer distâncias cada vez maiores no menor espaço de tempo, ativa-se o aperfeiçoamento dos meios de comunicação entre os homens. O telégrafo-sem-fio, o telefone e a telefoto fortaleceram o sentido e o espírito da notícia no jornal. Este se tornou mais um órgão de informação e menos um órgão opinativo. A proliferação de agências de notícias e o numero crescente de correspondentes estrangeiros não deixaram de ser mecanismos de empobrecimento do lugar da literatura e do papel do escritor literário na imprensa diária. Os relatos exóticos proporcionados pelo mistério de regiões e povos desconhecidos escritos e fotografados por repórteres rivalizaram-se com os relatos criados pela imaginação em liberdade dos escritores.

3. Ao mesmo tempo, o advento de novas formas artísticas proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico fez concorrência à literatura no jornal. Fiquemos apenas com o exemplo mais antigo. Lembre-se que o cinema, em primeiro lugar, desbanca o teatro e até mesmo o circo por tornar o espetáculo sofisticado passível de ser consumido em qualquer comunidade por mais despreparada que ela esteja para produzi-lo, e, em segundo lugar, rouba dos jornais e revistas o talento dos escritores preocupados com o sucesso fácil e o enriquecimento apressado. A fabulação de histórias folhetinescas e de fácil agrado deixa de ter como fonte consumidora o jornal ou a revista, ainda mais que estes demonstram cada vez mais o seu desinteresse por essas histórias.

Disponível em http://www.letras.ufmg.br/poslit



Como quarto e último ponto desse mapeamento por exemplos, lembre-se que o jornal abriga menos literatura porque o objeto livro, desde o século XVIII, foi-se tornando mercadoria accessível à bolsa do público burguês e, por isso, cada vez mais banal. Hoje, um escritor pode se lançar pelo livro; não precisa de passar antes pelo jornal para se fazer conhecido dos editores e do público. Até há bem pouco tempo era impensável que um grupo de intelectuais não encontrasse numa redação de jornal o período inicial da sua metamorfose em geração literária. Como resquício desse estado de coisas, sobrevive hoje a crônica literária. Textos curtos e de fácil leitura, comprometidos em geral com os acontecimentos familiares e do cotidiano que, enfeixados em livro, viram sempre um produto descartável. Mas mesmo assim a crônica jornalística não pode ser facilmente desprezada, pois serve para tornar popular o nome do autor, podendo por isso ajudá-lo a vender os seus livros mais "sérios".

A hipótese teórica levantada e os poucos exemplos que compõem o quadro apontam para o rápido aprofundamento do inevitável divórcio entre literatura e imprensa escrita no século XX, ainda mais que sofre esta hoje a concorrência avassaladora da televisão. Como é que poderíamos então estar falando da possível encenação, em plena década de 90, do possível pacto entre as duas? Não seria mais correto aprofundar as raizes do divórcio, tentando desvencilhar a literatura da grande imprensa escrita para que se evitem as contaminações espúrias e se conservem as características diferenciadoras? Não seria mais justo que cada uma corresse na sua própria raia, catando os dividendos que lhe são devidos?

Felizmente se há um processo progressivo de desliteraturização da imprensa escrita, isso não significa que ela rejeita ou abandona a literatura, e vice-versa. Uma análise ainda que precária do presente formato dos jornais de melhor nível intelectual nos levaria a duas soluções positivas inventadas pela separação amigável de interesses. Apesar dos pesares, o jornal nunca quis que escritor e literatura abandonassem completamente as suas páginas, e vice-versa. Como veremos a seguir, a separação litigiosa foi exigida é pelos professores universitários, inconformados com o "impressionismo" (quer dizer: com a superficialidade) do ensaio e da crítica literária feita por intelectuais sem formação acadêmica e disciplinar.

Primeira solução: o jornal criou semanalmente para o escritor e a literatura um lugar muito especial — o suplemento literário. Vale a pena deter-se um minuto na lógica do "suplemento". Complemento é parte de um todo, o todo está incompleto se falta o complemento. Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. Portanto, sem o suplemento o todo continua completo. Ele apenas ficou privado de algo a mais. A literatura (contos, poemas, ensaio, crítica) passou a ser esse algo a mais que fortalece semanalmente os jornais, através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas, tentando motivar o leitor apressado dos dias da semana a preencher o lazer do *weekend* de maneira inteligente. O suplemento tem também a sua raiz fincada no emprego do tempo burguês: a notícia que transmite a ação ocupa o burguês durante os dias de trabalho, enquanto a matéria literária que reclama o tempo da contemplação o envolve durante os dias de lazer.

Existe um lado positivo portanto no projeto de criação do suplemento literário, e foi o modo como até meados dos anos 50, para dar como exemplo a imprensa brasileira, uma excelente geração de intelectuais sem formação universitária especializada em literatura saiu do "rodapé" (em geral na parte nobre do jornal) e continuou a manter um diálogo frutífero com o público letrado, divulgando novas experiências estéticas, proporcionando o enriquecimento do debate de idéias e disseminando a avaliação cuidadosa das obras literárias do tempo. Estamos nos referindo a alguns grandes intelectuais, no presente momento completamente desconhecidos das novas gerações. Sérgio Milliet cuja obra jornalística está hoje reunida nos 10 volumes que compõem o *Diário crítico*. Álvaro Lins que nos legou sete volumes do *Jornal de crítica*, hoje só encontrados no sebo. Otto Maria Carpeaux que teve recentemente al-

Disponível em http://www.letras.ufmg.br/poslit



guns dos seus ensaios reunidos em antologia, *Reflexo e realidade*. Brito Broca, que este ano mereceu um colóquio pela Unicamp e está tendo os seus artigos reunidos em vários livros.
Verdadeiros formadores de opinião, responsáveis pelo sucesso ou o fracasso de obras e autores, esses críticos foram responsáveis ainda por uma contínua atualização e ampliação internacional do quadro de leituras do brasileiro. Por outro lado, tinham como pares de suplemento criadores do porte de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, etc., que também se arriscavam no exercício ensaístico ou crítico no espaço do jornal, enobrecendo este com uma escrita criteriosa e opinativa.

Antonio Candido, em entrevista concedida à revista *Veja* em outubro de 1975, comentava a vida e morte dessa produção: "No Brasil, até trinta anos atrás, a crítica se fazia em artigos de cinco a dez páginas nos rodapés dos jornais, semanalmente. Escritos por pessoas intelectualmente sérias, produziam uma visão empenhada, que ao mesmo tempo informava e formava o leitor. Isso acabou."

Mas, por outro lado, o suplemento é um espaço especializado, e cada vez mais especializado ele se torna por ser "suplemento". Como tal, pode ser descartado sem prejuízo do todo. Menor é o número dos seus leitores e maior a variedade de suplementos (infantil, turístico, econômico, etc.). Portanto, antes de ser o lugar privilegiado da contemplação no espaço total circunscrito pela notícia, o suplemento literário passa a ser um divisor de águas dentro do jornal do ponto de vista profissional. Existem os jornalistas, existem os colaboradores. Aqueles recebem salário mensal, estes são diletantes. Existem os leitores do jornal, existem os leitores do suplemento. Aqueles são multidão, estes são alguns amadores.

Segunda solução: para compensar o excesso de especialização do suplemento literário que afugentava os leitores do jornal, e como arte não merecia mais a fidalguia do primeiro caderno, criou-se o segundo caderno (ou: caderno B, Ilustrada, etc.). Aí a literatura, ou melhor, o escritor vira notícia, à semelhança do músico, do ator de cinema, teatro, televisão, etc. A literatura passa a fazer parte do que se chama as "variedades", contribuindo para a galeria das "estrelas" contemporâneas, mas perdendo espaço e prestígio para as formas artísticas atuais e mais correspondidas pelo público consumidor. De todas as artes contemporâneas a literatura é certamente a menos rentável. Já o espaço nobre das diversas artes no segundo caderno (ou na revista semanal) passa a ser o da "coluna", na maioria das vezes assinada e de responsabilidade de um jornalista profissional. Nos bons e raros casos a coluna pode apresentar um exercício correto de atividade crítica, avaliando livros, filmes, discos, etc. Hoje elas se alimentam basicamente de *press releases* e uma vez por semana apresentam a lista dos mais vendidos.

Essas duas soluções, apesar de positivas, por alguns anos neutralizaram a contribuição ensaística do escritor e pasteurizaram o exercício crítico, redundando o todo que se encontra em geral no jornal e na revista num indispensável trabalho de informação, de "divulgação". Ter delegado ao produtor literário a condição de divulgador da própria obra e ter conduzido a exegese crítica da produção literária à condição de divulgação não foi decisão exclusiva dos responsáveis pela imprensa escrita. A transformação foi fruto de um duplo jogo irônico.

Em primeiro lugar, na medida em que o próprio jornal deixava de ser o veículo ideal de divulgação das coisas artísticas numa sociedade de massa, ele tentava acompanhar esse movimento de massificação tornando a sua linguagem menos especializada. Para isso baseou-se numa regra utópica: o jornal inteiro é lido por todos. Ora, nem todos os leitores lêem todo o jornal, logo uma linguagem diferenciada por questões, tópicos, curiosidades intelectuais, etc., é sempre recomendável para que não surjam a decepção ou a frustração intelectuais. Mas o movimento de transformação da linguagem ensaística e crítica em linguagem convencional tornou-se inútil porque a grande imprensa escrita deixou de ser o melhor meio para a divulgação. Para dar o exemplo brasileiro, todos

Disponível em http://www.letras.ufmg.br/poslit



sabemos que uma chamada na televisão em favor de uma obra artística leva a um significativo aumento no consumo da obra. Transformar uma obra literária em enredo de escola de samba é realmente popularizar aquela obra. E assim por diante.

A ironia maior, já anunciada em parágrafo anterior, advém do fato de que a principal responsável pela expulsão da seriedade com que era produzida e tratada a literatura no jornal foi no Brasil a Faculdade de Letras, no momento em que alguns professores introduziram no currículo escolar a questão teórica. Se de um lado a produção dos não-especialistas se revelava insuficiente face às exigências teórico-científicas de uma crítica universitária atualizada segundo os métodos modernos de leitura, por outro lado a campanha sistemática contra os não-especialistas, levada a cabo sobretudo por Afrânio Coutinho no próprio espaço do jornal, serviu para esvaziar de vez a grande imprensa de uma contribuição, talvez aqui e ali um pouco manca, mas sempre de boa qualidade.

Desde 1948, com a sua coluna dominical "Correntes cruzadas", Afrânio Coutinho, defendia a tese de ser impossível "tratar o fenômeno literário em termos puramente jornalísticos, como fazia a crítica tradicional", já que o "estudo da literatura em bases rigorosas, inclusive científicas" superava "o velho impressionismo diletante e vazio, baseado no gosto e na opinião". Consultem-se as suas coleções de artigos altamente polêmicos: *Correntes cruzadas* (1953), *Da crítica e da nova crítica* (1957) e *No hospital das letras* (1963).

Preenchido o vazio pelos "divulgadores", há alguns anos sente-se falta nos jornais e revistas, como diz Candido na entrevista citada, "de uma nova fórmula, curta mas com tônus, músculos críticos mais acentuados".

Não se trata de acentuar hoje o equívoco da Universidade que, para poder se afirmar estrategicamente em país subdesenvolvido, optou por fazer silenciar de maneira drástica e autoritária o papel dos grandes críticos literários que se comunicavam, em estilo elegante e opinativo, com leitores curiosos das coisas literárias. Se esses críticos eram, do ponto de vista estrito da formação literária, autodidadatas, por outro lado eram direta ou indiretamente formados pelo pensamento vivo e atuante do Modernismo brasileiro e sobretudo por uma intensa "vida literária". Não se trata de acentuar o equívoco porque houve ganhos teóricos insofismáveis por parte da Universidade. Trata-se antes de não mais relegar ao anonimato uma brilhante geração de escritores e pensadores brasileiros, totalmente desconhecida das novas gerações de universitários. Trata-se de estimular a realização de estudos aprofundados, para que sirvam de alicerce para escritores e professores que desejam retomar o diálogo com a imprensa escrita no momento em que esta terá de deixar de ser predominantemente informativa em virtude da pressão televisiva. O jornal e a revista podem ser o lugar da discussão de idéias, o lugar para o pensamento opinativo. Não se trata tãopouco de imitar servilmente a escrita e os valores daquelas gerações, exagerando pelo avesso o papel exorbitante ocupado pela Teoria literária na formação dos nossos especialistas. Nem abomináveis nem salvadores.

Se há na América Latina uma opção política e econômica por uma sociedade de mercado, chamada equivocadamente de liberal, se o mecenato estatal e privado se torna menos e menos palpável em virtude da crise financeira às voltas com a dívida externa e a inflação, se a indústria cultural ganha espaço e se afirma de maneira irreversível, se o livro — aos olhos dessa indústria — se torna uma mercadoria artística que deve ser rentável, semelhante a outras mercadorias também rentáveis como o filme, o disco, o vídeo, etc., se a máquina promocional faz equivocadamente da vida do autor parte da publicidade de um livro, se a primeira instância de legitimação de uma obra passa a ser o público, daí a importância ocupada hoje pelas listas dos mais vendidos, — se todos esses "ses" traduzem o contexto e o estado atual da questão literária e, é claro, da artística na América Latina, o grande desafio de hoje para

Disponível em http://www.letras.ufmg.br/poslit



nós, escritores e universitários de formação literária, é a da leitura das obras contemporâneas pelo viés da qualidade, leitura empenhada na vida e sobrevivência cotidiana da literatura e das artes.

Ao ter recentemente os seus textos jornalísticos reunidos em livro, Sérgio Milliet mereceu por parte de Antonio Candido uma aguda apreciação do seu trabalho. Depois de salientar o intelectual-em-ação que foi Sérgio Milliet, Candido configura as qualidades da sua postura engajada e escrita participante, definindo-as como "ato crítico". Parece-me recomendável concluir este trabalho por estas palavras: "[...] acho que nos nossos dias a leitura da sua obra pode ajudar muito a restaurar o que se poderia chamar o ato crítico, meio sufocado pelo aparato teórico contemporâneo. O ato crítico é a disposição de empenhar a personalidade, por meio da inteligência e da sensibilidade, através da interpretação das obras, vistas sobretudo como mensagem de homem a homem. O ato crítico se beneficia com a sistematização teórica, mas não se confunde com ela, nem um substitui o outro. A obra de Sérgio Milliet foi um grande ato crítico, uma penetração da personalidade nos problemas literários e nos textos do seu momento, para torná-los inteligíveis aos leitores e avaliar o seu significado no quadro dos esforços do homem."

Trabalho apresentado no Colóquio "Celebración y lecturas. La crítica literaria en Latinoamérica", realizado em Berlim no mês de novembro de 1991.

◆

RÉSUMÉ

Cet travail a pour but présenter quelques idées actuelles sur les rapports entre le producteur et la production littéraire de l'espace de la circulation des idées, celui-là circonscrit à la presse écrite nonn spécialisée.